



Rádio no Paraná: histórias para contar de um passado silencioso¹

Claudia Irene de Quadros²

UTP

Mônica Kaseker³

PUCPR

Resumo:

Os acervos oficiais em Curitiba têm pouco material sonoro sobre a história radiofônica no Paraná. Neste artigo, descrevemos brevemente os arquivos do *MIS – Museu de Imagem e do Som* e do *Museu Lumen*, alertando sobre a necessidade de resgatar o passado do rádio. Na falta de material sonoro, nos atemos às cartas enviadas, na década de 80, à *Rádio Clube PR-B2* - a primeira emissora do Paraná. A tentativa é recuperar registros de uma interação entre ouvintes e comunicadores. Com base em Thompson, observamos a mediação radiofônica, comparamos com a da Internet e destacamos a comunicação de mão-dupla de radioamadores.

Palavras-chave: Rádio Clube; Paraná; mediação; acervo; ondas curtas

1. Introdução

Na busca por registros sobre a história do rádio no Paraná, dois museus foram visitados: o *MIS - Museu da Imagem e do Som* e o *Lumen*, ambos com sede em Curitiba. Esses acervos oficiais, entretanto, têm pouco material sonoro. Por esse motivo, entendemos que somente o esforço conjunto de pesquisadores pode reverter essa situação. É necessário

¹ Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia.

² Claudia Irene de Quadros, doutora em Jornalismo pela ULL, é jornalista e professora do Programa MCL - Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. (claudiaquadros@hotmail.com). Faz parte dos Grupos de Pesquisa JOR XXI (UTP) e MEDUC (UFPR).

³ Mônica Panis Kaseker, doutoranda em Ciências Sociais pela UFPR, é jornalista e professora do Curso de Comunicação Social da PUC/PR. (mkaseker@terra.com.br).



recuperar o passado do rádio, gravando depoimentos e, se possível, reunindo documentos ou cópia deles de acervos particulares para preservar a sua memória.

1.1. MIS

O acervo do *MIS* foi transferido temporariamente de endereço, porque a sua sede (fig.1.) no Palácio da Liberdade, no centro de Curitiba, passa por reformas. O edifício construído entre 1870 e 1890, já foi residência, sede do Governo do Paraná, Chefatura de Polícia e Secretária de Justiça. Desde 1989, abriga o *MIS*. *O Museu da Imagem e do Som*, no entanto, existe desde 1969.

O *MIS* já teve seis sedes⁴, sem contar com o seu atual endereço temporário que fica em um dos blocos do conglomerado do extinto banco *Banestado*⁵. Atualmente, as visitas precisam ser agendadas. O visitante, porém, encontra pouco material sonoro. Entre tantas transferências e fechamentos - o *MIS* esteve desativado de 1981 a 1984 e 1985 ao primeiro semestre de 1986⁶ - muitas fitas foram desmagnetizadas, como relatam funcionários atuais. Nesse sentido, o esforço do *MIS* em registrar depoimentos de personalidades do Estado desde os seus dois primeiros anos de funcionamento na Biblioteca Pública do Paraná parece ter sido em vão. Numa visita realizada em 22 de março de 2007, no período da tarde, informamos aos funcionários do *MIS* que gostaríamos de pesquisar a história do rádio no Paraná. Prontamente, uma das estagiárias de plantão nos entregou duas pequenas caixas com algumas publicações. A maioria era de boletins da *Casa Romário Martins*, da prefeitura de Curitiba. Entre eles, uma edição especial sobre o rádio editada, em 1996, pela jornalista Maí Nascimento⁷ e alguns exemplares da revista *TelStar – Programas Cine, Rádio e TV*, da década de 60.

⁴ De acordo com o site oficial do *MIS* (<http://www.pr.gov.br/mis/>), as sedes do Museu foram as seguintes: 1969 a 1971 – Biblioteca Pública do Paraná, 1972 a 1973 – Secretária do Estado da Cultura, 1974 a 1980 – anexo do Museu de Arte Contemporânea, 1984 – Rua XV de Novembro, 1986 a 1988 – Casarão da Rua Martin Afonso e 1989 a - Palácio da Liberdade.

⁵ O conglomerado fica no bairro Santa Cândida, na Rua Máximo João Koop 274 - Bloco 4.

⁶ O *MIS* esteve desativado nos governos de José Hosken de Novaes e José Richa. Foi criado em 1969 pelo então governador Paulo Pimentel, proprietário de diversas empresas de comunicação (jornais e um canal de televisão).

⁷ “Nas Ondas do Rádio”, de Maí Nascimento, é um dos poucos registros históricos sobre a história do rádio no Paraná.



As páginas que traziam notas e/ou matérias sobre os bastidores do rádio do Paraná foram fotografadas. Concluído esse registro, fomos conhecer o material sonoro disponível no *MIS*. Há centenas de discos de vinil, alguns aparelhos antigos de rádio, mas poucos registros sonoros de emissoras paranaenses. Em fitas cassetes, dispostas em uma pequena estante de metal, há algumas entrevistas com profissionais que atuaram no rádio. Para ouvi-las, no entanto, é necessário agendar um horário pela manhã. Neste setor, não há estagiários no período da tarde.

1.2. Lumen

O *Museu Lumen* foi organizado pelo radialista Vicente Mickosz⁸, no período de 2000 a 2005, que catalogou os acervos das Rádios Paraná AM e Rádio Clube AM. Quando deixou a Associação Paranaense de Cultura⁹ em 2004, o radialista entregou um relatório de peças catalogadas. No documento constam aproximadamente 29 mil discos de vinil, que foram limpos e cadastrados em ordem alfabética. “Alguns não tinham mais capas, então produzimos novas capas” (MICKOSZ, 2007). Ele recorda que havia cerca de cinco mil discos em duplicata, e ainda um número menor de discos em 78 rotações, cerca de 80 deles.

O *Museu Lumen*, fica no Pilarzinho, um bairro curitibano onde está a maioria das emissoras de rádio e de televisão da Capital. Montado em uma casa, onde funciona também o estúdio da Lumen FM, o museu reúne em dois cômodos recordações da *Rádio Clube Paranaense*. No térreo, estão organizados em estantes os discos de vinil. No piso superior, há um palco com manequins que reproduzem uma suposta cena do radioteatro em Curitiba. Há ainda alguns aparelhos de rádio antigos e documentos. Entre eles, cartas enviadas por ouvintes para a *Rádio Clube*. As cartas foram catalogadas como nacionais e internacionais, todas enviadas entre 1984 a 1991.

⁸ Vicente Mickosz atuou de 1950 a 1959 na Rádio Marumby, foi gerente da Rádio Paraná (antiga Rádio Santa Felicidade) no período entre 1959 e 1974, depois disso foi diretor da mesma até o ano 2000. Entre 1996 e 2000, acumulou a direção da Rádio Clube, já que ambas pertenciam à Associação Paranaense de Cultura. Foi funcionário da APC de 1978 a 2004.

⁹ A Associação Paranaense de Cultura é a entidade mantenedora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, assim como o Grupo Lumen, que reúne as emissoras de rádio Clube AM, Clube FM, Lumen FM e Paraná AM, além da TV Lumen.



1.3. Seleção de material

Neste artigo, nos atemos às cartas internacionais na tentativa de observar a mediação entre ouvintes e comunicadores tão distantes no espaço e no tempo. A Internet ainda não tinha se popularizado e, nesse período, era grande o número de rádios com Freqüência Modulada (FM) - implantada no Brasil a partir da década de 70 –, que se caracterizam por oferecer uma qualidade sonora superior, mas com menor alcance. No início dos anos 80, as radiodifusoras também começaram a adotar a emissão via satélite. A *Rádio Clube*, entretanto, iniciou esse processo só em 1995 (QUADROS E GODOY, 2005). Foi por conta dos transmissores de ondas curtas que a programação da *Rádio Clube Paranaense* AM (Amplitude Modulada) era ouvida em outros países. Entre 1984 a 1991, no período das cartas analisadas para esta pesquisa, a emissora seguia uma tendência nacional, apontada por Ferraretto (2000): enquanto a rádio FM abria mais espaço para a música, a AM trazia comunicadores populares, jornalismo, esportes, serviço e outros programas que tentavam uma aproximação mais intimista com o público.

Destacamos, no tópico dois, um breve histórico sobre a *Rádio Clube Paranaense* e a sua programação na década de 80. Antes, contudo, enfatizamos que as análises das cartas contribuíram para revelar o nível de interação entre ouvintes e comunicadores, a intenção de estabelecer relações multiculturais, um pouco da programação da emissora na época e o perfil do ouvinte no exterior. Como essas correspondências eram de radioescutas, também foi preciso descrever as suas ações no plano da comunicação interativa e a sua influência sobre o rádio. Com base em Thompson, observamos formas de comunicação e a partir de Bolter e Grusin a remediação de meios: rádio, radioamador e Internet.

2. Rádio Clube na década de 80

A *Rádio Clube PR-B2*, fundada em 27 de junho de 1924, é a mais antiga emissora paranaense e está entre as quatro primeiras do país. Foi a única rádio de Curitiba até 1947 e durante os anos 50 disputou a liderança em audiência com a *Rádio Guairacá*. Essas duas emissoras foram responsáveis pela Era de Ouro do rádio paranaense, que transmitiu



radionovelas, programas de auditório e de calouros, programas jornalísticos e esportivos. Em meados da década de 60 começaram as dificuldades financeiras, acentuadas pela expansão da televisão no estado (WITIUK, 1995). A crise no mercado radiofônico se arrastou pela década de 1970 e somente nos anos 80 houve um processo de recuperação, marcado pela reabertura política do país.

A década de 80 foi de muita luta para a *Rádio Clube*, pois precisava reconquistar a liderança nos índices de audiência, depois de cair para o último lugar e ter ficado alguns dias fora do ar. A Fundação Nossa Senhora do Rocio, ligada a Cúria Metropolitana de Curitiba, em 1973, assumiu a emissora, que estava à beira da cassação com vários títulos protestados. Em 1980, a Fundação contratou um empresário do Rio Grande do Sul para gerenciar a emissora. O gaúcho Ruy Christini buscou um profissional local para auxiliá-lo e, assim, Ubiratan Lustosa¹⁰, que já havia atuado na *Clube* entre 1957 e 1968, voltou à emissora na tentativa de ajudar no seu processo de revitalização. (LUSTOSA, 2006)

Os equipamentos sucateados e o baixo faturamento comercial foram os principais problemas detectados. Christini logo deixou a *Rádio Clube* e Lustosa assumiu a direção da emissora. Em seguida, recebeu a missão de buscar apoio dos empresários locais. Por meio de sua agência de propaganda, fez contato com Rui Luís Demeterco, que na época era dono de uma das principais redes de supermercados paranaense: o Mercadorama. A convite do arcebispo Dom Pedro Fedalto, Demeterco dirigiu a *Rádio Clube* por dois anos. Nesse período Lustosa ficou responsável pela gerência, mas depois voltou a dirigir a emissora até 1991.

¹⁰ Ubiratan Lustosa começou na Rádio Marumbi, trabalhou pela primeira vez na Rádio Clube como locutor a partir de 1957, depois foi diretor artístico, assistente de superintendência, diretor superintendente, saindo da emissora em 1968. Em 1973, volta à Clube a convite dos novos proprietários (Fundação Nossa Senhora do Rocio) para dirigir a emissora. Em 1976, sai novamente da Clube e volta em 1981 para assessorar a direção, ficando até 1991.



Em 1980, a *Rádio Clube*, já conhecida como uma emissora católica, destacou-se na cobertura da visita do Papa João Paulo II, sob o comando do radialista Luis Carlos Martins. Em 1982, a equipe esportiva de Lombardi Júnior e Capitão Hidalgo¹¹, que ficou conhecida como Equipe Positiva, foi a única emissora a se deslocar à Espanha para transmitir a Copa do Mundo, repetindo o feito no México em 1986 e na Itália em 1990. Em 1984, a *Rádio Clube* completou 60 anos, que foram comemorados com três grandes apresentações organizadas pelo radialista Jurandir Ambonatti¹². Ele trouxe nomes populares da música brasileira, sertaneja e também regional. Foi durante essa festa de aniversário que a dupla paranaense Nhô Belarmino e Nhá Gabriela, ainda lembrada pelo sucesso “As mocinhas da cidade”(HOERNER JÚNIOR, 2005), fez a sua última apresentação. Naquele período, eram grandes atrações da *Rádio Clube*, como o programa policial de Algaci Túlio¹³ e o programa *A vida...uma esperança!*, do padre Juca, que veiculava mensagens e textos religiosos, respostas às cartas de ouvintes e músicas selecionadas.

Em 1989, com várias mudanças na programação feitas ao longo da década, incluindo a volta de Luis Carlos Martins, que atuou em outras emissoras¹⁴, a *Clube*

¹¹ A primeira grande transmissão esportiva de Himer Macurin Lombardi e José Hidalgo Neto foi da Copa do Mundo na Argentina, em 1978, pela Rádio Universo, em Curitiba. Em seguida, passaram a atuar na Rádio Clube-B2, onde formaram a Equipe Positiva, transmitindo os principais campeonatos nacionais e internacionais até a morte de Lombardi Jr. em 1994, num acidente de barco. Atualmente, o Capitão Hidalgo atua como diretor de futebol do time Coritiba. A Clube continua usando o nome Equipe Positiva e ainda conta com a participação de integrantes do grupo original: Oldemar Kramer e Silvio de Tarso. (www.ulustosa.com.br)

¹² Jurandir Ambonatti iniciou na Clube em 1974, como auxiliar de discotecário, foi também compositor de vários sucessos e atuou como diretor artístico da rádio. Atualmente, trabalha como repórter na Rádio CBN e no serviço radiofônico de orientação de trânsito da Prefeitura Municipal de Curitiba. (www.ulustosa.com.br)

¹³ Algaci Túlio começou a atuar no rádio em 1954 como plantão esportivo, mas só em 1960 conseguiu seu primeiro emprego como repórter do Programa *Revista Matinal* na Rádio Colombo. A partir de 1966, passou a atuar como repórter policial na Clube, onde depois apresentava o Programa Algaci Túlio e depois o Canal Aberto, até deixar a emissora em 2006. Atualmente, atua na Rádio e na TV Educativa do Paraná. (KASEKER, 2005).

¹⁴ Luiz Carlos Martins atuou pela primeira vez na Rádio Clube no período de 1978 a 1981, em seguida foi para a Rádio Independência até 1986, Rádio Colombo em 1987, Rádio Atalaia em 1988, retornando à Clube em 1989. No ano seguinte, voltaria a atuar na Rádio Independência até 1998, quando adquiriu a concessão da Rádio Banda B, da qual é proprietário até hoje. (www.ulustosa.com.br)



reconquistou a liderança de audiência em Curitiba. Nesse período, a emissora era a única da cidade a operar também em ondas curtas de 49, 31 e 25 metros e, por esse motivo, era ouvida em várias regiões do mundo. Uma confirmação desse fato eram as cartas recebidas do Japão, Finlândia, Austrália e outros países distantes, especialmente de radioamadores, que sintonizavam a rádio e anotavam horário, frequência, qualidade da transmissão e conteúdo da audição. Aproximadamente 240 cartas, do período entre 1984 a 1991, foram conservadas no acervo do museu da *Rádio Clube Paranaense*.

Segundo o gerente da emissora nessa época, Ubiratan Lustosa, a rádio já havia começado a receber um grande número de cartas muitos anos antes, quando os transmissores de ondas curtas foram instalados, entre as décadas de 40 e 50. Nem todas as cartas, entretanto, eram comentadas no ar: “Só registrávamos alguma muito especial ou as que vinham de muito longe (Japão, por exemplo). A resposta era enviada com o preenchimento e devolução de um cartão padrão de radioamadores. Nos casos especiais uma carta nossa.” Lustosa também conta que as cartas eram úteis para a rádio aferir seu alcance e chegaram a ser utilizadas numa comemoração de aniversário da rádio, para que todos pudessem conhecer sua abrangência.

“As informações que eles enviavam eram úteis para a gente saber qual onda curta que eles estavam sintonizando em cada país. Certa vez, num aniversário da *Clube*, conseguimos a vitrine de uma loja na Rua XV e um vitrinista colocou o Mapa Mundi no centro, dele saindo arames finos cujas extremidades ligavam um país com uma carta dele recebida. Era uma maneira de se provar o alcance da emissora.” (LUSTOSA, 2007)

No ano passado, os transmissores de 32 e 25 metros foram desativados, restando apenas o de 49 metros. De acordo com Rulian Maftum, assessor da direção do Grupo Lumen, ao qual pertence a *Clube* atualmente, os transmissores geravam alto custo de manutenção e não eram comercialmente viáveis. As peças deixaram de ser fabricadas e



optou-se por utilizar os componentes dos dois equipamentos desativados no transmissor de 49 metros. Atualmente, a *Clube* ainda recebe algumas cartas de radioamadores, mas principalmente e-mails. A maioria pede uma resposta da rádio sobre a verificação das informações nos relatos de escuta e também brindes como camisetas e bonés, que a rádio tenta atender sempre (MAFTUM, 2007).

3. Entre cartas, história e nada de som

Nas visitas aos museus *MIS* e *Lumen* não tivemos acesso ao material sonoro, como relatado anteriormente. Para este artigo, analisamos dez cartas enviadas do exterior por radioamadores cujo passatempo é ouvir emissoras de diversas partes do mundo que transmitem por ondas curtas. As cartas nacionais não foram analisadas neste trabalho por questão de espaço, mas deverão ser aproveitadas em estudos futuros. Na primeira etapa, selecionamos, de forma aleatória, 20 entre as 240 cartas em exposição no *Lumen*. Na segunda etapa, descartamos as cartas que traziam apenas um conteúdo técnico da recepção da *Rádio Clube Paranaense* em diversos países, como Finlândia, Japão, Alemanha, Estados Unidos etc. Selecionamos para a análise apenas as cartas que, de certa forma, tentavam uma aproximação com comunicadores da emissora ao descrever sobre o seu país, sua cultura, suas preferências pessoais e seus interesses pelo Brasil.

3.1. Muito além do QSL

Ressaltamos, no entanto, que o principal objetivo desses radioamadores era conseguir um cartão QSL. O código Q é adotado internacionalmente desde o início do século XX para facilitar a comunicação mediada pela radiotelegrafia. QSL significa que o receptor acusa recebimento da mensagem enviada. No caso das cartas selecionadas para este artigo, os seus remetentes solicitavam o cartão QSL, selos, adesivos da emissora, cartões postais etc. Até hoje essa é uma prática comum de qualquer radioescuta. No site do



Dx Clube do Brasil (www.ondascurtas.com) há inclusive informações para elaborar cartas de recepção e, assim, obter cartões QSL mais facilmente, além de mostrar por meio de artigos a evolução desse *hobby* com a chegada da Internet. Numa entrevista ao radioamador Ronaldo Reis (2007), responsável pelo site *Arquivo Histórico do Radioamador Brasileiro* (www.radioamador.org.br), ele recorda que a rede mundial de computadores tem ajudado o radioamador a encontrar seus objetivos de forma rápida. Contribui também para preservar a memória do radioamadorismo. No referido *site* estão disponíveis mais de 6 mil documentos, mas os cartões QSL ainda não foram digitalizados. Em sites de busca, no entanto, é possível encontrar endereços específicos em diversos países de cartões QSL.

As cartas selecionadas para este artigo demonstram outros interesses dos ouvintes, além do desejo de obter um QSL. Essas cartas, de certo modo, simbolizam a vontade de um ouvinte, num espaço e tempo distantes, de manter comunicação com pessoas de outros países. Nesse sentido, podemos observar as cartas enviadas pelos radioescutas como registros do desejo do público em manter uma comunicação de mão-dupla. Para Bolter e Grusin (1999), todo meio de comunicação sofre influência de outros meios. Quando surge um novo meio é natural que este se aproprie de características de outros mais antigos, mas depois de um período de existência também passa a influenciar outros meios. As emissoras de rádio, por exemplo, sofreram uma forte influência dos jornais impressos. Logo no início dos noticiários radiofônicos era comum ouvir a reprodução do conteúdo impresso, o famoso *gilete press*, sem a preocupação em adaptar a linguagem às características do novo veículo. O rádio foi e ainda é influenciado por outros sistemas de comunicação. As características do radioamadorismo também foram adaptadas no rádio, o veículo de comunicação de massa. O radioamadorismo se caracteriza pela comunicação denominada



half-duplex, ou seja, a transmissão pode ocorrer nos dois sentidos, sendo um sentido de cada vez. Emissores e receptores invertem seus papéis: ora é receptor da mensagem, ora é emissor. Há troca de experiências, há uma comunicação interativa. No rádio, identificado como meio massivo, a comunicação é unilateral, mas tenta incentivar a participação do ouvinte por meio de cartas, e-mails ou telefonemas. Alguns autores, como Ferraretto(2001), percebem essa participação do ouvinte no rádio como um simulacro, não como uma efetiva interação. Essa observação deve ser considerada, mas a questão aqui é examinar as possíveis influências do radioamadorismo no rádio enquanto veículo de comunicação. Assim como os radioamadores padronizaram a linguagem para uma comunicação eficaz, os mediadores do rádio criaram textos com frases mais curtas, lançaram mão da redundância e usaram uma linguagem mais simples para prender a atenção e se fazer entender pelo ouvinte.

Em estudos anteriores (QUADROS, 2005) apontamos que é preciso um certo tempo para que público e mediadores, acostumados com uma comunicação unilateral dos meios massivos, aprendam a utilizar a interatividade. A consolidação da comunicação interativa depende da prática de seus atores. Algumas experiências do passado, como as cartas enviadas pelos radioamadores às emissoras comerciais de rádio, parecem revelar que radioamadores esperavam encontrar na comunicação radiofônica o hábito da troca de comunicação ou tentavam influenciar o veículo a agir como no radioamadorismo.

3.2. Lições de Thompson

Entre rádios comerciais e radioamadores, é preciso recorrer a Thompson (1998) para analisar formas de interação mediada. Para o autor há três: “a interação face a face”, “interação mediada” e “a quase interação mediada”.

Na primeira ocorre num contexto de co-presença, os participantes compartilham

o mesmo referencial de espaço e de tempo. “As interações face a face têm também um caráter dialógico, no sentido que implicam ida e volta no fluxo da informação e comunicação (...)” (p. 78).

Na segunda, a interação mediada, utiliza um meio técnico (papel, ondas eletromagnéticas, fios elétricos etc). Esses referidos meios “possibilitam a transmissão da informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo, ou em ambos (...)”. (idem). Thompson ainda explica que na comunicação por meio de cartas os participantes não podem observar as deixas simbólicas associadas à presença física, como gestos, entonação etc.

“Ao estreitar o leque de deixas simbólicas, as interações mediadas fornecem aos participantes poucos dispositivos simbólicos para a redução da ambigüidade na comunicação. (...) Estreitando as possibilidades de deixas simbólicas, os indivíduos têm que se valer de seus próprios recursos para interpretar as mensagens transmitidas.” (THOMPSON, 1998: 79).

A terceira forma, a quase-interação mediada, é a estabelecida pelos meios de comunicação de massa. “A comunicação de massa se dissemina no espaço e no tempo. (...) as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores potenciais.” (p. 79). Além disso, como aponta Thompson, enquanto as duas primeiras formas de comunicação são dialógicas a terceira é monológica. O quadro, apresentado pelo autor, resume algumas semelhanças e diferenças das três formas de comunicação.

Fig. 4. Tipos de Interação. Fonte: Thompson, 1998, p. 80.

Características interativas	Interação face a face	Interação mediada	Quase-interação mediada
Espaço-tempo	Contexto de co-presença; sistema referencial comum	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço
Possibilidade	Multiplicidade	Limitação das	Limitação das



s de deixas simbólicas	e de deixas simbólicas	possibilidades de deixas simbólicas	possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outros específicos	Orientada para outros específicos	Orientada para um número indefinido de receptores
Dialógica/ Monológica	Dialógica	Dialógica	Monológica

A comunicação estabelecida entre mediadores de rádios comerciais e ouvintes de ondas curtas no exterior é híbrida, como propõe Thompson. Diferentes formas de comunicação são combinadas. Ao escutar a *Rádio Clube Paranaense*, por exemplo, o radioescuta estabelece uma comunicação de quase-interação, afinal a emissora transmite para um número indefinido de receptores e há apenas um sentido no fluxo da comunicação. Porém, ao escrever uma carta para a referida emissora, o radioescuta/produzidor tenta estabelecer uma interação mediada que se efetiva com a resposta por meio de outra carta dos emissores da rádio. Ao ler a carta no ar, o locutor pode estabelecer dois tipos de interação: a mediada e a quase-mediada. É mediada no momento em que o locutor se dirige a um ouvinte específico que sintoniza a rádio e quase-mediada pelo fato de estabelecer uma comunicação com outros participantes de número indefinido, os ouvintes da rádio.

As novas tecnologias da comunicação e da informação podem ampliar as possibilidades do cenário aqui apresentado. Para Ronaldo Reis (2007), a Internet oferece mais recursos que outros meios e que o próprio radioamadorismo. “Obviamente que a Internet oferece muito mais recursos, mas na essência é a mesma coisa: duas ou mais pessoas que utilizam o rádio (aparelho de radioamador) ou a Internet para conversar”. Para Thompson, foi o desenvolvimento da comunicação por meio de ondas eletromagnéticas que impulsionou o avanço da globalização.



“O uso das ondas eletromagnéticas para fins de comunicação expandiu grandemente a capacidade de transmitir informação através de longas distâncias de maneira flexível e eficiente, dispensando a necessidade de instalar cabos fixos na terra ou no mar. Mas o crescimento do uso das ondas eletromagnéticas também criou uma crescente necessidade de regular a distribuição do espaço radioespectro tanto dentro dos países quanto entre eles.” (THOMPSON, 1998, p. 142)

O autor ainda recorda que a verdadeira globalização da comunicação por ondas eletromagnéticas ocorreu apenas na década de 60, quando houve “êxito no lançamento dos primeiros satélites de comunicação controlados em terra” (p.143) e as ondas eletromagnéticas puderam ampliar as suas transmissões para outros lugares. No entanto, quem tinha um receptor de ondas curtas a partir da década de 30 já podia acompanhar emissões realizadas de várias partes do mundo. No Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro passou a transmitir em ondas curtas em 1942, mas somente a partir da década de 50 que um maior número de emissoras do país adotou este sistema.(AZEVEDO, 2004). Atualmente, o número de emissoras que transmitem por ondas curtas é reduzido. Para Romais¹⁵ (2004), errou quem disse que “o rádio e as ondas curtas seriam peças de museu numa época em que é fácil ouvir de tudo via Internet”. Ele conta que muitas das ferramentas surgidas com o desenvolvimento da Internet, como listas de discussão e MP3, são usadas para divulgar as ondas curtas. Dessa forma, voltamos a Bolter e Grusin (1999) para reafirmar que os meios influenciam e são influenciados por outros. E o público? Este também se transforma. “Os ouvintes de ondas curtas, atualmente, não são nem de longe o que eram há duas décadas”, enfatiza Romais (2004). Porém, ele comenta que os radioescutas continuam sendo formadores de opinião de sua comunidade e as emissoras que permanecem emitindo por ondas curtas acertam “em privilegiar a difusão da cultura,

¹⁵ Célio Romais é jornalista e pesquisador de ondas curtas.



música, modos de vida, entretenimento e atualidades mundiais”.

4. Cartas analisadas: interações mediadas

Antes da Internet as cartas eram uma importante forma de se comunicar com pessoas de outros países, assim como o radioamadorismo costuma(va) ser utilizado para intercâmbio cultural e sociabilidade. Os textos destas cartas denotam que os ouvintes tentam estabelecer uma interação com os emissores da *Rádio Clube Paranaense*. A maneira como as cartas foram escritas expressam que, nesse período (1984 a 1991), os ouvintes ainda não utilizavam o computador. Sete destas cartas são redigidas em máquinas de escrever, e em três delas há pelo menos uma parte do texto escrita à mão com caneta esferográfica. Todos os ouvintes das dez cartas analisadas eram homens, na faixa etária de 16 a aproximadamente 40 anos. O número de radioamadores sempre foi maior entre os homens. Na primeira etapa da seleção de cartas, que foi aleatória, havia uma escrita por uma brasileira que vivia no Uruguai. Esta foi descartada na segunda etapa, porque, neste artigo, optamos em analisar apenas as cartas redigidas por estrangeiros que têm como *hobby* escutar rádios de ondas curtas. Será que receber um cartão QSL da *Clube* era o único interesse do radioescuta? Como relatado anteriormente, as cartas registram outros desejos. Quando analisados, muitas vezes, podem compor imagens de um Brasil escutado no exterior.

Num primeiro momento, a Língua poderia ser uma barreira. No entanto, percebemos o esforço da maioria em se expressar em Português, somente dois escreveram em espanhol e um em inglês, sem tentar utilizar a Língua Portuguesa em nenhum trecho. TapioL. Lohela, da Finlândia, tenta fazer um relatório de recepção da *Rádio Clube Paranaense* em Português, mas o seu conhecimento no referido idioma é rudimentar. Ele reconhece que o seu relatório não ficou bom e complementa: “meu dever estudar português”. Ainda assim ele tenta contar nesta carta, enviada em 23 de março de 1985, que em sua cidade Kitee,



localizada na Finlândia oriental, há muitas fábricas e que ele adora ouvir músicas por ondas curtas e colecionar selos . Sua carta é dirigida ao “director” da emissora. Dessa forma, Lohela tenta escrever a um destinatário específico para obter o seu cartão QSL. A nossa observação é confirmada quando destaca no final do relatório de recepção que agradeceria se recebesse um cartão QSL ou uma carta de confirmação. Separadamente deste relatório, envia um abraço e as informações de sua cidade. Neste caso, inferimos que há uma intenção de manter contato com Ubiratan Lustosa, que além de diretor, também falava no rádio.

Alguns contam que são autodidatas em seus estudos de Português como o norte-americano Donald Moore e o italiano Claudio Dondi. O norueguês Ivar Stormo escreve uma carta em 1981 em inglês e, não obtendo resposta, escreve outra em português em 1985, na qual elogia o Brasil como “um dos países mais interessantes em matéria de rádio”. Na carta do italiano Claudio Dondi, escrita em fevereiro de 1984, ele mostra a intenção de manter um intercâmbio cultural. “A escuta do rádio serve-me também para compreender os costumes da vida de outros países e para acompanhar o desenvolvimento dos acontecimentos locais”. Fala ainda que o rádio de ondas curtas é a sua maneira de escutar notícias e música agradável; e complementa: “não poderia ouvir de outra forma já que na Europa os órgãos de informação se ocupam superficialmente dos acontecimentos e a música do Brasil.” Ainda hoje, os meios de comunicação de massa convencionais da Europa tratam pouco do país. As notícias, normalmente, são sobre carnaval, futebol e violência. O desenvolvimento da Internet como meio de comunicação, no entanto, mudou esse o cenário descrito por Dondi. Hoje, o usuário pode buscar pela notícia, disponibilizada em diversos formatos (texto, áudio e vídeo), em um jornal local de qualquer parte do mundo presente na rede mundial de computadores.



As cartas são provenientes da Suécia (3), Noruega, Finlândia, Itália, Japão, Estados Unidos, Argentina e Uruguai. É comum que os ouvintes relatem sobre sua vida pessoal e sobre aspectos históricos e geográficos da região onde vivem ou de seu país. Eles contam ainda sobre seus *hobbies*. O norueguês Ivar Stormo, de 22 anos, confessa que coleciona selos, flâmulas e decalques de emissoras. Seus conjuntos favoritos são *Dire Straits* e *Pink Floyd*, mas também aprecia música folclórica, especialmente da América Latina. Gosta de futebol e é torcedor do Flamengo. Dan Olson, de 29 anos, também revela que se interessa por futebol, *handball* e possui uma coleção de selos de 140 países diferentes. Aprecia fazer trilhas e caminhadas em florestas e, é claro, ouvir rádios de outros países. Sua carta é datilografada num modelo padrão, provavelmente fotocopiado, pois há alguns números citados no texto anotados a caneta, como sua idade e o número de emissoras com as quais já havia se comunicado desde 1975 até 1985: 786 emissoras em 165 países.

Alguns demonstram já ter conhecimentos sobre a cultura brasileira, como Donald Moore, que gosta de ler livros de história da América do Sul. Escreve bastante sobre o Brasil, já havia visitado Foz do Iguaçu e cita Vila Velha, Paranaguá, Ilha do Mel, Londrina e Maringá, além de atrações de Santa Catarina que pretende conhecer no futuro, quando aprender melhor o Português. Já leu três livros de Jorge Amado e cita outros autores, inclusive, Érico Veríssimo.

É comum encontrar nos textos das cartas demonstrações do desejo dos ouvintes em fazer contatos e intercâmbio com pessoas de outros países, como o argentino Oscar Raul Ehlers: “Quiero intercambiar postales con chicos y chicas de todo el mundo”.

Considerações finais

As cartas dos radioamadores documentam que, mesmo antes da Internet, as ondas curtas foram fundamentais no processo de globalização hoje intensificado com o desenvolvimento das novas mídias. Como documentos que refletem parte da história do



rádio, essas correspondências foram objetos de análise neste artigo, que constatou, diante da falta de material sonoro nos arquivos oficiais, a necessidade de se debruçar sobre outros materiais disponíveis, além de buscar arquivos particulares. O artigo destaca ainda as influências do radioamadorismo no rádio enquanto veículo de comunicação de massa, apontando a sua prática como uma importante contribuição para o desenvolvimento da comunicação por ondas eletromagnéticas.

Desde o ano passado, com o apoio da diretoria da Rede Alcar, pesquisadores dispostos em registrar a história da comunicação do Paraná estão sendo cadastrados. Hoje, o núcleo Paraná da Rede Alcar conta com mais de dez professores de diferentes instituições do Estado. Para 2007, está programada a discussão de projetos de pesquisa em conjunto, inclusive o de resgatar a memória radiofônica do Estado.

Referências

AZEVEDO, Lilia Calabre. **A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)**, Ciência & Opinião, v1. número 2/4, , Curitiba, jul. de 2003/dez de 2004. Em http://cienciaeopinio.unicenp.edu.br/arquivos/CienciaeOpinio2_art_4.pdf. Acesso em 07 abril de 2007.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, **Richard. Remediation: Understanding new media.**

Cambridge: The MIT Press, 1999.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

HOERNER JÚNIOR, V. **Rádio Clube Paranaense 80 anos – A pioneira do Paraná.** Curitiba: Champagnat, 2005.

KASEKER, M.P. **A trajetória de três radialistas políticos do Paraná.** In: III Encontro da Rede Alcar, 2005, Novo Hamburgo. III Encontro da Rede Alcar, 2005. v. 1. p. 1-15.

LUSTOSA, U. Entrevistas concedidas a Mônica Kaseker em 23/02/2007 e 26/03/2007.

MAFTUM, R. Entrevista concedida a Mônica Kaseker em 26/03/2007.

MICKOSZ, V. Entrevista concedida a Mônica Kaseker em 09/04/2007

QUADROS, C. I. ; GODOY, E.R. **Crise do Radiojornalismo em Curitiba.** In: III Encontro da Rede Alcar, 2005, Novo Hamburgo. III Encontro da Rede Alcar, 2005. v. 1. p. 1-12.

QUADROS, C. I. . **A participação do público no webjornalismo.** E-Compós (Brasília), v. 4, n. dez., p. 1-17, 2005.



REIS, RONALDO. Entrevista concedida, por e-mail, a Claudia Quadros em 04/04/2007.

ROMAIS, Célio. **Ondas Curtas – Idioma português valorizado no rádio**. Observatório de Imprensa, 13/4/2004. Em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=272IPB002>. Acesso em 11 de abril de 2007.

WITIUK, L. **Rádio Clube Paranaense B2 – 70 anos no ar**. Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Planejamento e Qualidade em Comunicação Social da PUCPR, 1995.